

## CRÍTIAS E ALCIBÍADES, dois exemplos de corrupção

Ana Elias Pinheiro

### RESUMO

Em 399 a.C., os Atenienses condenaram Sócrates à morte, acusando-o de ter corrompido a juventude. Como prova, os acusadores tinham apresentado o comportamento de Crítias e Alcibiades, dois políticos que tinham trazido à cidade grandes males e que, na juventude, tinham frequentado o círculo socrático. Xenofonte não pode negar esta ligação, porquanto ela era conhecida de todos, mas vai, contudo, demonstrar que o mau carácter dos dois indivíduos era um traço anterior ao seu convívio com o filósofo e se acentuara sobretudo depois de terem abandonado a sua companhia.

### ABSTRACT

The Athenians condemned Socrates to death in 399 B.C., accusing him of having corrupted the youth. The accusers presented Critias's and Alcibiades's behaviour as proof. These two men were politicians that had brought to the big cities terror. When they were young, they had taken part in the Socratic circle. Xenophon cannot deny this connection, because it was known by everyone; however he demonstrates that the bad character of the two individuals was a trait prior to his meeting with the philosopher and that worsened above all after having abandoned his circle.

O discurso de Xenofonte em *Memoráveis* é profundamente devedor da estrutura dos textos judiciais, consagrada nos discursos forenses de Lísias (cf. Lísias, 16; Isócrates, 16, 19; vd. ERBSE, 1961<sup>1</sup>),

---

<sup>1</sup> Seria legítimo, contudo, questionar se, afastado de Atenas, desde novo e durante décadas, Xenofonte conheceria bem os discursos forenses de Lísias ou de Isócrates ou se estes seriam apenas tópicos retóricos que se tinham tornado formais? Desconhecemos qual o percurso 'escolar' de Xenofonte, cuja vida parece ter sido dedicada em primeiro lugar às lides militares. Contudo, é certo que Xenofonte parece conhecer outra literatura socrática (*Ap.* 1), entre a qual encontraríamos também textos de Isócrates. E se é verdade que é posterior a mais antiga referência a exercícios escolares de retórica (a de Anaxímenes de Lâmpsaco, na *Ética a Alexandre*, 1436a23-27), ela parece, contudo, reflectir uma prática já consagrada, de onde não será difícil pensar que Xenofonte frequentara também alguma educação 'formal', na qual provavelmente assentava a tradição de que, também ele, fora discípulo de Pródico (*Suda*, s.v. Xenofonte)

organizando-se em torno de dois planos: 1) a refutação directa da acusação de que Sócrates fora alvo, nos dois primeiros capítulos do Livro I, que correspondem a um proémio apologético, e 2) a apresentação de provas abonatórias que mostram não só que Sócrates não tinha os vícios que lhe foram apontados como ainda a sua utilidade (ὠφελία) para aqueles que o acompanhavam e que constituem os ἀπομνημονεύματα ou recordações que preenchem o espaço restante da obra (1.3.1-4.8) e dão título à obra.

Ao longo do seu relato, Xenofonte apresenta-nos vários tipos de acusações e de acusadores: aqueles que convenceram os Atenenses de que Sócrates era culpado, referidos com γραψάμενοι, os *instrutores do processo*, a γραφή (1.1.1); aquele que é referido como o κατήγορος, o *acusador*, talvez Polícrates<sup>2</sup>, e cujas acusações (1.2.9, 1.2.12-47, 1.2.49-55, 1.2.56-61) especificam as anteriores, e ainda vozes anónimas que, sobretudo na primeira parte da obra (1.2.17, 1.2.19, 1.4.1, e também em 4.8.1), vão contestando os argumentos utilizados pelo Autor na sua defesa.

Xenofonte começa (1.1.1) por apresentar o que aparece como uma tentativa de reconstituição de memória (ἡ μὲν γὰρ γραφή κατ' αὐτοῦ τοιάδε τις ἦν, *o texto da acusação apresentada contra ele dizia qualquer coisa como*) do texto da acusação que o poeta Meleto interpusera contra Sócrates, no ano em que Laques era arconte em Atenas (400-399), e onde são indicados os dois elementos formais de

---

<sup>2</sup> Este sofista teria redigido, nos últimos anos da década de 90 do séc. IV a.c. (394 ou 393?), um panfleto perdido, a Κατηγορία Σωκράτους, *Acusação contra Sócrates*, que pretenderia ser a reprodução do discurso de acusação de Ânito. O seu teor aproximado conhece-se pela *Apologia de Sócrates* de Libânio e insistiria particularmente no desprezo de Sócrates pelas leis e pela constituição democrática. À excepção de Favorino (*Memorabilia*), os restantes autores antigos datavam este texto da época do processo. Polícrates era provavelmente ateniense e foi contemporâneo de Isócrates (*Busiris*, 4, 50; cf. Athen. 8.335c-d), que lhe atribui precisamente uma Κατηγορία Σωκράτους (vide também Quint. *Inst.* 2.17.4; D.L. 2.39-40; Them. *Or.* 23; Lib. *Ap.*; Eliano, *VH* 11.10; *Suda*, s.v. *Polycrates*, que refere dois λόγοι κατὰ Σωκράτους; *schol. ad Aristidem*, 3.480 e 3.320).

Para GIANNANTONI (2001: 292), não só Xenofonte mas também os outros socráticos, Platão, Ésquines e Antístenes, estariam a responder, com os seus diálogos a estas acusações de Polícrates e não às do processo real.

culpa (ἀδικεῖ) contra os quais Xenofonte irá argumentar: que Sócrates não reconhecera (οὐ νομίζων) os deuses da cidade (οὓς ἡ πόλις νομίζει θεούς), e teria introduzido em sua vez novos deuses (καὶνὰ δαιμόνια), e que teria também corrompido (διαφθείρων) os mais novos (τοὺς νέους).

Logo nesta parte inicial da defesa, Xenofonte irá socorrer-se dos dois tipos de argumentação retórica que encontraremos depois propostos por Aristóteles (cf. *Rhet.* 1396b 24-25), a ἐλεγκτικά, ‘refutativa’, e a δεικτικά, ‘expositiva’: responde a cada uma das acusações por separado, expondo as razões pelas quais as rejeita e exemplifica a sua argumentação com episódios que recorda do tempo antigo de convivência com Sócrates, processo que se tornará exclusivo na segunda parte da obra (vide GRAY, 1998: 34).

Para o tema que vamos tratar, interessa-nos a segunda acusação, a da corrupção dos jovens, que envolve vários planos que vão desde a questão política à questão familiar. A preocupação de Xenofonte, ao rebater esta acusação, vai ser a de mostrar Sócrates como um homem dotado de auto-domínio que lhe permite controlar necessidades, vícios e paixões (sede, fome, frio, calor, sono, sexo), e cujo comportamento servia de bom exemplo a todos quantos o acompanhavam. Essa será a imagem que pretenderá transmitir de Sócrates ao longo de toda a obra, a de alguém que conduz os outros na direcção da virtude (cf. 1.1.4, 1.2.4, 1.2.64, 1.4.1), não pelo *ensino* mas pelo *exemplo*. Implicitamente Xenofonte está já a refutar acusações seguintes, uma vez que deixa entender que Sócrates não pode ser responsabilizado por eventuais discípulos, porque os não tinha; aproveitar, ou não, o seu exemplo era um acto livre por parte daqueles que o seguiam.

É durante a refutação desta acusação que Xenofonte vai ser confrontado com uma voz (propositadamente?) anónima que acrescenta, e de modo insistente, novas denúncias às que já conhecemos; não constavam da γραφή mas são visivelmente um desdobramento ou especificação desta segunda acusação oficial, a de corrupção da juventude.

A partir deste ponto, Xenofonte abandona então o texto oficial, deixa de se dirigir aos Atenenses em termos gerais e direcciona a sua argumentação para a resposta às quatro acusações do κατήγορος<sup>3</sup>.

1) Em 1.2.9-11: Sócrates incitava os seus seguidores ao desrespeito pela constituição e pelas instituições democráticas, nomeadamente através das críticas em tom forte (λέγων ὡς μῶρον εἶη, *dizia que era uma loucura*) ao sistema de eleição por tiragem à sorte, aplicado aos cargos públicos, quando para qualquer outra tarefa se procuravam apenas pessoas que tivessem competência para as exercerem. Ouvir as suas críticas levava os seus jovens seguidores ao desprezo pelo sistema e à consequente violência, que para os Gregos caracterizava por inerência a tirania.

2) Em 1.2.12-48: como prova da acusação anterior, o κατήγορος apresenta um exemplo concreto de como Sócrates corrompia os seus discípulos; fora ele o mestre de Crítias e Alcibiades, dois dos homens que, no seu tempo, mais prejudicaram Atenas (πλεῖστα κακὰ τὴν πόλιν ἐποίησάτην): um durante a tirania e o outro em tempos de democracia, de onde se pode entender que Sócrates era acusado de ser uma influência perniciosa, fosse qual fosse o regime político em causa. De facto, Sócrates criticara-os a todos.

3) Em 1.2.49-55: Sócrates ensinava (ἐδίδασκε) o desprezo pelos laços familiares e pela amizade. Um dos argumentos que sustenta esta acusação do κατήγορος seria o facto de Sócrates convencer os seus companheiros de que podia torná-los mais sábios que os pais (πέιθων μὲν τοὺς συνόντας ἑαυτῷ σοφωτέρους ποιεῖν τῶν πατέρων); sendo que parecia previsto por lei que o ignorante fosse condenado pelo mais sábio (ὡς τὸν ἀμαθέστερον ὑπὸ τοῦ σοφωτέρου νόμιμον

---

<sup>3</sup> Desconhecemos as razões que levaram Xenofonte a não referir o nome do seu antagonista. Talvez se possam considerar duas hipóteses: poderá ter acontecido que à distância temporal a que (assumimos) estava a escrever, Xenofonte, que, de resto, como sabemos também, não estava em Atenas por altura do processo, conhecesse genericamente o teor das acusações mas já não conseguisse precisar por quem e como foram formuladas; ou poderá, pelo contrário, dar-se o caso de que simplesmente fosse desnecessário precisá-lo, como noutras situações comuns, porque aqueles que lembravam a condenação de Sócrates lembrariam também as causas e os homens que o acusaram. Esta figura tem sido, pese o seu anonimato no texto, e como já vimos, associada ao sofista Polícrates, e estas acusações integrariam a obra perdida com que, a seguir à morte de Sócrates, precisara as queixas apresentadas contra o filósofo.

εἴη δεδέσθαι), os filhos podiam então passar a punir os pais, numa alusão que de imediato nos lembra as figuras de Fidípides e Estrepsíades em *Nuvens*. Este descrédito aplicava-se ainda a outras pessoas próximas (οὐ μόνον τοὺς πατέρας, ἀλλὰ καὶ τοὺς ἄλλους συγγενεῖς) e também aos amigos, porque ninguém podia ser útil a ninguém, a menos que estivesse capacitado para o ser (εἰ μὴ καὶ ὠφελεῖν δυνησονται), e como tal um médico ou alguém que soubesse agir num tribunal (τοὺς δὲ οἱ συνδικεῖν ἐπιστάμενος) poderia ser de maior utilidade (ὠφελούσις) que um parente ou um amigo.

4) Por último, em 1.2.56-61: Sócrates citava constantemente textos de poetas cuja interpretação podia ser subversiva (τῶν ἐνδοξοτάτων ποιητῶν ἐκλεγόμενον τὰ πονηρότατα, *dos poetas mais afamados, ele escolhera os passos mais imorais*), incitando ao crime, à tirania ou ao desrespeito pelas classes populares em cuja soberania assentava a democracia.

As primeiras acusações que são formuladas por este κατήγορος figuram também, respectivamente, em Libânio (*Ap.* 6.1) e em Isócrates (*Busíris* 5) e Ésquines (1.173) e fariam, com quase certeza, parte das acusações proferidas por Polícrates.

Parece claro em todas elas que a acusação de corrupção movida contra Sócrates teria, senão exclusivamente, pelo menos em grande parte, conotações políticas. Sócrates teria sido acusado de desviar os seus jovens companheiros do caminho da democracia, atacando, nomeadamente, os processos de escolha dos cargos atenienses. Será oportuno, contudo, lembrar a pouca probabilidade de que, em 399 a.C. estas acusações pudessem ter sido usadas em tribunal: Ânito, embora democrata, também não seria um entusiasta da democracia popular, tal como ela funcionava em Atenas, e, depois do final da Guerra do Peloponeso, a amnistia de Euclides, de 403 a.C. proibira este tipo de perseguição política<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Arist. *AP*, 39.1-5: *Os acordos foram estabelecidos, sendo Arconte Euclides, e com as disposições que se seguem: [...] A pena de morte será aplicada, de acordo com as leis dos antepassados, se alguém assassinar ou agredir alguém pessoalmente. Não será possível a ninguém exercer represálias a pretexto do passado de ninguém, excepto aos Trinta, aos Dez, aos Onze e aos veteranos do Pireu, e nem mesmo a estes, se já tiverem prestado contas.*

No caso da primeira acusação, Xenofonte não tinha como a refutar totalmente: Sócrates era, de facto, um crítico assumido do sistema democrático de Atenas; aqui critica os processos de escolha, em Platão (cf. *Prt.* 319a), os de participação<sup>5</sup>. Como tal, Xenofonte praticamente ignora que o κατήγορος referiu esta questão e passa à acusação seguinte, que mais não é do que um reforço da anterior. A metodologia do κατήγορος, de resto, é idêntica à de Xenofonte, acusa e apresenta provas. O intuito deste segundo argumento é relembrar o papel que a actividade de Crítias e Alcibiades, na época durante e pós-guerra do Peloponeso, em Atenas, poderá ter desempenhado nesta acusação, uma vez que eram eles os exemplos apontados como prova da corrupção exercida por Sócrates sobre a juventude.

Xenofonte também não pode negar (οὐκ ἀπολογήσομαι, 1.2.13) a relação do filósofo com Crítias e Alcibiades (cf. também *Pl. Prt., Grg., Smp., Criti., Chrm., Ti.*), mas contra-argumenta, não desta feita com o acusador, e sim com o seu público (onde esta mesma apreciação claramente encontraria eco), historiando o relacionamento entre Sócrates e os dois jovens, para mostrar que não fora a convivência com Sócrates mas o seu afastamento que prejudicara o carácter dos visados. Por esse motivo, traçará um perfil exaustivo dos dois, ilustrado com breves recordações, para que não restem dúvidas de que fora a sua própria natureza, não a convivência com Sócrates, que moldara as atitudes dos dois Atenienses, e que esse comportamento se revelara sobretudo quando já não frequentavam a companhia do filósofo (vide ERBSE, 1961). Não voltará a tocar mais neste assunto no decurso da obra.

No contexto desta argumentação contra a educação de Crítias e Alcibiades, Xenofonte fará surgir, ainda, não novas acusações mas o reforço das apresentadas pelo κατήγορος, através de vozes anónimas que não correspondem a nenhum dos acusadores já enunciados e que mais não seriam, decerto, que o eco das críticas correntes em Atenas e que encontramos também no teatro cómico de Aristófanes e de outros. Estas vozes repetem-se algumas vezes, à medida que o autor vai argumentando e com uma estrutura similar: é *bem provável* (ἰσως οὖν, 1.2.17, 1.2.19), diz Xenofonte, que, em resposta à sua defesa,

---

<sup>5</sup> Esta crítica é atribuída a Sócrates também por Aristóteles (*Rhet.* 1393b 4-8) e é a mesma que encontramos no autor anónimo dos *Dissoi Logoi* (7).

*alguém* (τις, 1.2.17), ou *a maioria* (πολλοί, 1.2.19), tenha algo a contrapor: que antes dos assuntos políticos (τὰ πολιτικά) Sócrates deveria ter ensinado (διδάσκειν) aos seus companheiros a moderação (σωφρονεῖν) e que é próprio dos filósofos dizerem que o justo nunca se torna injusto (οὐκ ἂν ὁ δίκαιος ἄδικος γένοιτο), nem o sensato insolente (οὐδὲ ὁ σώφρων ὑβριστής), nem quem sabe deixa de saber (οὐδὲ ἄλλο οὐδὲν ὧν μάθησις ἐστὶν ὁ μαθὼν ἀνεπιστήμων ἂν ποτε γένοιτο).

É importante notar que estas vozes não negam o carácter de Sócrates, apenas a sua capacidade de o transmitir a outros. A estratégia de Xenofonte, ao recorrer a estas críticas sem nome, é hábil. Ele, cidadão anónimo, decerto, nalgumas vezes, não diria diferente dessas vozes (1.2.17-18: Ἐγὼ δὲ πρὸς τούτο μὲν οὐκ ἀντιλέγω); noutras, contudo, terá de discordar, não só pelo que conheceu (1.2.18: Οἶδα δὲ καὶ) de Sócrates mas pelo que constata no dia-a-dia (1.2.18: Ἐγὼ δὲ περὶ τούτων οὐχ οὕτω γιγνώσκω: ὁρῶ γάρ): não é possível ensinar quem não tem dotes, ou não quer aprender, ou não exercita o que aprende; fora esse o problema de Crítias e Alcibiades.

De seguida, tal como fez o κατήγορος, Xenofonte apresenta exemplos, primeiro para provar que o mau carácter de Crítias e de Alcibiades nada tivera a ver com a sua relação com Sócrates, depois para testemunhar que muitos outros também foram seguidores de Sócrates e a nenhum outro, contudo, podiam imputar-se acusações semelhantes<sup>6</sup>.

Os três primeiros exemplos apresentados dizem respeito ao carácter de Crítias, cujo papel na tirania dos Trinta Xenofonte aborda também, e de modo demorado, nas *Helénicas* (2.3-4), sem contudo fazer qualquer alusão à sua relação com Sócrates. Em *Memoráveis*, por sua vez, pretenderá mostrar que, longe de serem amigos, os dois homens tiveram sempre uma relação conflituosa; no seu conjunto, estes episódios formam um todo, servindo os dois primeiros de preâmbulo à animosidade ilustrada no terceiro.

---

<sup>6</sup> Será curioso verificar, contudo, que muitos eram, entre os seguidores de Sócrates, aqueles que também não simpatizavam com o sistema democrático de Atenas. O próprio Xenofonte, de resto, faria parte da facção pró-oligárquica do exército ateniense, durante as lutas que culminaram com a queda dos Trinta Tiranos.

O primeiro dos episódios (1.2.29-30) — que, *stricto sensu*, poderíamos considerar que inauguram os *apomnemoneumata* que preenchem toda a segunda parte da obra — nega não apenas a corrupção de ordem política, mas também a moral, mostrando que Sócrates conduzia os seus companheiros à moderação das paixões. De resto, muito mais do que em Platão, onde a sua atitude é mais tolerante e mais sensível à beleza masculina<sup>7</sup>, o Sócrates de Xenofonte é radical na condenação das relações homossexuais (cf. *Mem.* 1.3.8-13; 2.1.24, 30; 2.6.31-32; *Smp.* 7.12; *Oec.* 2.7): o amor de Crítias por Eutidemo parece-lhe indigno de um homem livre e bem formado (ἀνελεύθερόν τε εἶναι καὶ οὐ πρόπον ἀνδρὶ καλῶ κάγαθῶ) e o seu desejo irracional; como tal, e uma vez que Crítias não parece sensível aos seus conselhos (τοῖς τοιούτοις οὐχ ὑπακούοντος οὐδὲ ἀποτρεπομένου), Sócrates acusa-o precisamente de instintos animalescos.

A esta primeira censura, de ordem moral, a Crítias, Xenofonte junta a lembrança de uma outra, de ordem política, que constitui o segundo episódio (1.2.32-38) deste grupo e que pretende demarcar Sócrates da conduta dos oligarcas que governaram Atenas em finais do século V a.C. e aos quais pertencera Crítias; pretende-se assim mostrar também que Sócrates não era crítico apenas do sistema democrático mas de qualquer sistema político, quando injustamente praticado. Em plena actuação dos Trinta, quando os mais importantes homens da cidade eram condenados à morte, Sócrates comentara a situação com recurso a uma parábola: tal como o boieiro que deixa definhar os seus bois não pode ser considerado um bom boieiro, também aquele que está à frente de uma cidade (προστάτης γενόμενος πόλεως), se deixa definhar os seus cidadãos, seria extraordinário (θαυμαστότερον) que não se envergonhasse (αἰσχύνεται) e não achasse que estava a prestar um mau serviço à cidade (οἶεται κακὸς εἶναι προστάτης τῆς πόλεως).

O terceiro episódio (1.2.33-38), o primeiro diálogo narrado onde Sócrates é personagem, é construído por ampliação dos anteriores, nomeadamente do segundo: irritado com as palavras de Sócrates, Crítias promulga uma lei que proíbe *ter conversas com os mais novos* (τοῖς νέοις ἀπειπέτην μὴ διαλέγεσθαι) e que, segundo Xenofonte, teria tido Sócrates como alvo particular. O próprio episódio revela-se

<sup>7</sup> Cf. *Chrm.* 154b, 155c-e; *Prt.* 309a; *Smp.* 216d; *Grg.* 481d.

um exemplo magnífico do modo e habilidade com que Sócrates questionava o discurso contrário, exasperando os seus interlocutores, neste caso Crítias, ao qual vem juntar-se o seu companheiro de regime Cáricles. *Sempre pronto a obedecer às leis* (παρεσκευάσμαι μὲν πείθεσθαι τοῖς νόμοις), o filósofo teme, com suposta ingenuidade, e *por ignorância* (δι' ἄγνοιαν), deixar passar algo do que lhe é exigido. As suas dúvidas, contudo, são provocatórias e têm por objectivo desesperar os seus antagonistas e levá-los a cair em contradição, admitindo que Sócrates e os seus discursos tinham constituído o seu alvo: não é proibido falar sobre qualquer coisa, é proibido expressamente falar *sobre sapateiros, architectos, artifices*, assunto que Sócrates privilegiava e que caía invariavelmente nas discussões sobre *o que é justo, o que é pio, e outras coisas do género* (τοῦ τε δίκαιου καὶ τοῦ ὀσίου καὶ τῶν τοιούτων) e, claro — acrescenta Cáricles —, também é bom que não haja discursos sobre boieiros.

O argumento do episódio apresentado é óbvio na demonstração que Xenofonte pretende: Sócrates criticou Crítias; Crítias promulgou uma lei que impedia conversas sobre determinados assuntos; questionado por Sócrates, admite que é ele quem não deve falar e não deve falar precisamente dos assuntos de que falara antes e cujo alvo fora o próprio Crítias. Logo, podemos concluir que não havia entre Sócrates e Crítias qualquer afinidade, política ou pessoal. Mas talvez pudéssemos inferir ainda que, fazer uso de exemplos como este, Xenofonte quisesse insinuar também que parte das acusações contra Sócrates seriam, como a lei de Crítias, resultado de querelas pessoais com o filósofo, cuja voz crítica se teria tornado incómoda em muitos momentos do quotidiano ateniense do seu tempo.

Igual exemplificação fará prova contra Alcibíades, a partir de um diálogo, não com Sócrates, mas com Péricles, que fora seu tutor. Pretendeu, decerto, o Autor mostrar que a convivência do jovem não fora apenas com Sócrates mas com outros Atenienses igualmente virtuosos e de todos conseguira subverter os ensinamentos. O diálogo, também ele longo (1.2.40-47), apresenta uma estrutura similar, mas onde é Alcibíades que interroga e Péricles que é interrogado, e mostra a habilidade retórica do jovem, capaz de desmontar, muito novo ainda (πρὶν εἴκουσιν ἑτῶν εἶναι, *nem vinte anos tinha*), os argumentos do primeiro homem de Atenas, que se mostra incapaz de debater com ele.

A finalizar a sua contra-argumentação a esta acusação do κατήγορος, Xenofonte contrapõe, em 1.2.48, aos discípulos cujo comportamento denegriu os ensinamentos do mestre, aqueles que abonam em seu favor, numa lista onde encontramos alguns dos mais conhecidos seguidores socráticos: Críton, Querefonte, Querécates, Hermógenes, Símiás, Cebes, Fedondas, e outros, acrescenta Xenofonte, dizendo que nenhum deles, nem em novo, nem em velho (οὔτε νεώτερος οὔτε πρεσβύτερος ὢν)<sup>8</sup>, cometeu qualquer mal e acrescentando também que esses tinham procurado a convivência com Sócrates não para se tornarem brilhantes oradores (οὐχ ἵνα δημηγορικοὶ ἢ δικανικοὶ γένοιντο) mas *para melhor cumprirem as suas obrigações com a casa, os familiares, os dependentes, os amigos, a cidade e os cidadãos* (καὶ οἴκῳ καὶ οἰκέταις καὶ φίλοις καὶ πόλει καὶ πολίταις δύναιτο καλῶς χρῆσθαι). Xenofonte obviamente procurava, assim, mais uma vez, contrapor os seus exemplos à argumentação do κατήγορος que acusara Sócrates de levar ao desprezo por esses mesmos laços.

A acusação que culpava Sócrates de ser o responsável pelo comportamento errado de Crítias e Alcibiades é refutada, assim, pelo recurso a um silogismo que, pese embora sem se ter dedicado à filosofia, talvez Xenofonte tivesse aprendido junto do mestre: Sócrates é culpado porque Crítias e Alcibiades foram seus discípulos; mas, Sócrates criticava Crítias e Alcibiades; a atitude de Alcibiades era anterior à convivência com Sócrates; Sócrates não é culpado porque outros foram também seus companheiros e nunca cometeram nenhum crime.

A caracterização que Xenofonte faz das suas personagens é quase sempre indirecta; exceptuam-se os dois apurados retratos (mesmo que breves) que traça dos dois discípulos corruptos, Crítias e Alcibiades, exaustivos talvez pela necessidade particular de esgotar a defesa da sua associação a Sócrates.

O retrato de Crítias e Alcibiades (1.2.25), de pendor exclusivamente moral, é apenas um, construído em conjunto<sup>9</sup>, de forma pontual e absoluta entre os pontos 12 e 38 do Capítulo 1 do

---

<sup>8</sup> Julgo que podemos subentender que nem durante a convivência com Sócrates nem afastados dele.

<sup>9</sup> Esta é, de resto, uma técnica utilizada também por Xenofonte, noutros episódios e noutras obras: por exemplo, na descrição das duas mulheres que

Livro I como refutação da sua relação com o mestre ateniense. Destinada a provar que os dois políticos partilhavam uma idêntica conduta negativa, da sua caracterização sobressai, em particular, o contínuo recurso por parte do Autor ao uso do dual como forma de referência a ambas as figuras: *E esta conduta era comum aos dois* (συμβάντων αὐτοῖν), *orgulhosos ambos* (ὠγκωμένω) *da sua origem, ciosos ambos* (ἐπηρμένω) *da sua riqueza, envaidecidos ambos* (πεφυσημένω) *com o seu poder, cortejados ambos* (διατεθρυμμένω) *por muita gente. Corrompidos ambos* (διεφθαρμένω) *por todas estas circunstâncias.*

Xenofonte termina dizendo que este era, contudo, um comportamento imputável a um tempo em que já não conviviam com Sócrates; pelo contrário, na juventude, época em que, de facto, tinham frequentado o círculo socrático, o filósofo tinha-os mantido sensatos, a ambos (σώφρονε). Xenofonte estranha que este facto tenha sido ignorado pelo acusador: sem uma palavra de louvor para o papel de Sócrates na juventude dos dois políticos e acusando-o de uma influência que ele já não podia ter exercido. Também em relação a este aspecto, Xenofonte tenta dar alguns exemplos que demonstrem que é a sua interpretação, e não a do acusador, a correcta: nem professores, nem amigos, nem pais costumam ser responsabilizados quando depois ter deixado a escola, o círculo ou a família, discípulos, amigos ou filhos descuidam as anteriores aprendizagens e se perdem.

Historicamente, Alcibiades (c. 450-404) foi, porventura, uma das mais controversas figuras da Atenas do século V a.C. Sobrinho e pupilo de Péricles (Pl. *Prt.* 320a<sup>10</sup>, Plut. *Alc.* 1.2) move-se com fluidez no cenário político do seu tempo. Começa por ser um democrata radical, embora provavelmente mais por oportunismo do que por convicção, pois terá visto no *demos* um trampolim claro para o poder da cidade. A

---

personificam as alegorias do Vício e da Virtude, no ‘Apólogo de Hércules’, em 2.1.21-34, ou o retrato conjunto de Próximo e Ménon na *Anábese* (2.6.16-29), onde combinando paralelismos e antíteses contrapõe as virtudes de Próximo (16-20) à ambição e maldade de Ménon (21-19).

<sup>10</sup> O passo de Platão coincide com Xenofonte acerca do mau carácter de Alcibiades: temendo que este fosse uma má influência para o irmão, Clínia, Péricles enviou este último para ser educado junto de um outro tio. O mau carácter parece, contudo, ter sido um traço familiar, porque o jovem foi devolvido à procedência, nem seis meses passados, por desespero do novo tutor.

sua ambição trouxe a Atenas consequências desastrosas, entre as quais as decorrentes da expedição fracassada à Sicília, em 415 a.C. Nesse mesmo ano, acusado (embora, talvez injustamente) de actos sacrílegos, fugiu para Esparta, onde terá auxiliado as campanhas inimigas (cf. Thuc. 6.27-29; 6.88.9-12; 6.91), não tendo tido escrúpulos também em apoiar os Oligarcas atenienses no golpe de 411 a.C. Regressado a Atenas em 407 a.C. rapidamente atraiu, de novo, as suspeitas populares, razão que o levou a afastar-se mais uma vez da cidade. Morreu (assassinado, segundo a tradição), na Ásia e em circunstâncias pouco claras<sup>11</sup>.

O retrato que dele traça Xenofonte não é o único em obras da época; Alcibiades é retratado também por Tucídides, por Lísias (14: *Contra Alcibiades I*), por (ps.-)Andócides (4) e por Isócrates (16), mostrando-se os três primeiros testemunhos coincidentes com o do nosso Autor. Diferente é o caso de Isócrates, onde encontramos dois terços do discurso preenchidos por um encómio do político (já falecido entretanto), construído em parte à custa da subversão dos factos históricos narrados em Tucídides e tentando diferenciá-lo de tiranos como Cáricles<sup>11</sup>. Dele dirá, por exemplo (39) que:

καὶ τοῦθ' ἠγοῦμαι πᾶσιν εἶναι φανερόν, ὅτι τοῦτον ἂν ἀγκάλιον ἔστιν εὐνοῦστατον εἶναι ταῖς τῆς πόλεως εὐτυχίαις ὅτῳ πλείστον μέρος καὶ τῶν ἀγαθῶν καὶ τῶν κακῶν μέτεστιν.

---

<sup>11</sup> A veracidade do episódio da sua morte, que se conhece pela obra dos historiógrafos antigos (Plut. *Alc.* 39.1-7; Nep. 7.10; Ath. 13.574e-f), é questionada pela crítica actual. Vide J.R. Ferreira, *A Grécia Antiga* (Lisboa, 1992), 168-171; J. de Romilly, *Alcibiade* (Paris, 1995). A sua figura e a sua história continuam, contudo, a despertar o imaginário dos escritores, como prova o romance de Steven Pressfield, *Tides of War* (NY, 2001; tradução portuguesa: *Marés de Guerra*. Lisboa, 2005), inspirado na sua actuação durante a Guerra do Peloponeso.

<sup>12</sup> Vide CALVO MARTÍNEZ, 2004: 37-48. Cáricles, um dos Trinta Tiranos (cf. X. *Hell.* 2.3.2; Arist. *Pol.* 1305b26; Lys. 12.55), aparece em *Memoráveis* também como interlocutor de Sócrates, mas formando um par com Crítias, não permitindo, pois, uma caracterização diferenciada. Provavelmente a intenção de Xenofonte com a sua presença seria mostrar que a animosidade dos Trinta contra Sócrates não se limitava a Crítias. Cáricles foi mais uma dessas figuras dúbias que povoam o panorama político da Atenas do século V a.C. tinha sido democrata, antes e durante a Guerra do Peloponeso, e fizera parte das comissões de inquérito das mutilações das estátuas de Hermes, em 415 a.c. (cf. And. 1.36). Foi banido em 403 a.C. mas rapidamente terá regressado a Atenas (cf. Isoc. 26.42).

*parece-me que deverá ser evidente para todos que ele deve ter sido o mais devotado dos homens à felicidade da cidade, e aquele que com ela mais partilhou de prosperidade e desdita.*

De facto, com mais veemência até do que Xenofonte, Isócrates (5-6) nega a associação de Alcibiades a Sócrates, acusação que imputa claramente a Polícrates, mas com a finalidade inversa à de Xenofonte, pois pretende elogiar o político e não denegri-lo: não seria por ter tido um tal discípulo que Sócrates poderia ter sido condenado.

Σωκράτους δὲ κατηγορεῖν ἐπιχειρήσας, ὥσπερ ἐγκωμιάσαι βουλόμενος Ἀλκιβιάδην ἐδωκας αὐτῷ μαθητὴν, ὃν ὑπ' ἐκείνου μὲν οὐδεὶς ἤσθετο παιδευόμενον, ὅτι δὲ πολὺ διήνεγκε τῶν Ἑλλήνων, ἅπαντες ἂν ὁμολογήσειαν. 6. Τοι γαροῦν εἰ γένοιτ' ἐξουσία τοῖς τετελευτηκόσιν βουλευσασθαι περὶ τῶν εἰρημένων, ὁ μὲν ἂν σοι τοσαύτην ἔχοι χάριν ὑπὲρ τῆς κατηγορίας ὅσηνούδει τῶν ἐπαινεῖν αὐτὸν ἐῖθισμένων

*Resolveste acusar Sócrates, e, como se estivesses a querer elogiá-lo, atribuis-te-lhe por discípulo o Alcibiades, de quem não consta que ele alguma vez tenha sido mestre, mas que, para além disso, é sabido que era superior entre os Helenos. Pudessem os mortos pronunciar-se e o próprio Sócrates testemunharia na tua acusação uma admiração maior do que aquela que lhe fazem habitualmente.*

O discurso de Lísias, porventura resposta a este de Isócrates, volta a coincidir com o perfil vicioso que lhe atribui também Xenofonte (1.2.24: Ἀλκιβιάδης δ' αὐτὸν διὰ μὲν κάλλος ὑπὸ πολλῶν καὶ σεμνῶν γυναικῶν θηρώμενος). Veja-se, e.g., os passos seguintes:

25. Οὗτος γὰρ παῖς μὲν ὢν [...] ἐκώμαζε δὲ μεθ' ἡμέραν, ἀνηβος ἑταίραν ἔχων, μιμούμενος τοὺς ἑαυτοῦ προγόνους καὶ ἡγούμενος οὐκ ἂν δύνασθαι πρεσβύτερος ὢν λαμπρὸς γενέσθαι, εἰμὴ νέος ὢν πονηρότατος δόξει εἶναι.

[...]

28. [...] Ἴππόδικος δὲ πολλοὺς παρακαλέσας ἐξέπεμψε τὴν αὐτοῦ γυναῖκα, φάσκων τοῦτον οὐχ ὡς ἀδελφὸν αὐτῆς ἀλλ' ὡς ἄνδρα ἐκείνης εἰς τὴν οἰκίαν εἰσιέναι τὴν αὐτοῦ.

25. *Era moço ainda [...] logo de manhã ia de festa, tomando uma cortesã, mesmo sem ter idade; imitava os seus antepassados, convencido que não poderia tornar-se famoso, mais velho, se não tivesse desde novo fama de canalha.*

[...]

28. [...] *E quando Hiponico, diante de muitas testemunhas que ele próprio chamara, repudiou a mulher, disse que o fazia por causa dele, que a visitara no interior da sua casa, não como irmão, mas como homem.*

Como pode comprovar-se, contudo, este retrato traçado pelos oradores aproxima-se mais de um esboço de biografia, onde, a par da caracterização da personagem, encontramos também alguns elementos da sua história. O de Xenofonte resulta apenas da necessidade de enumerar os traços negativos da sua personalidade e é construído de um modo similar àquele que, no todo da obra, utilizará também para Sócrates: depois desta enunciação sobre o carácter de Alcibiades, apresenta dele provas, lembrando uma sua conversa de juventude, à qual Xenofonte diz não ter assistido, e que o político travara com Péricles. Esta mesma metodologia é seguida para o perfil de Crítias, mas no sentido inverso: lembra a conversa, a que já aludimos também, de Crítias e Cárcicles com Sócrates, e depois caracteriza-o, em simultâneo com Alcibiades; as provas abrem e fecham assim a caracterização que tem por unidade central o retrato conjunto dos dois atenienses.

De facto, como vimos atrás, Xenofonte não tinha como escamotear a associação de Sócrates a Alcibiades porquanto a relação entre os dois homens era por demais conhecida; provavelmente até, porque era uma das principais causas apontadas para a condenação do filósofo, se terá escrito tanto sobre o jovem ateniense, parecendo certo que quase todos os socráticos dedicaram alguma obra a tratar o assunto. Platão refere esta amizade várias vezes (*Grg.* 418d; *Smp.* 216 sqq.; *Prt.* 310a) e fontes antigas atribuíam-lhe a composição de dois *Alcibiades* (sendo certo que o segundo será espúrio<sup>13</sup>), e também Ésquines, Euclides e Fédon teriam composto obras homónimas,

---

<sup>13</sup> É mais discutível a não autenticidade do primeiro; Giannantoni, 2001: 301, n. 43, enumera um número considerável de argumentos e autores contra e a favor da atribuição deste diálogo a Platão.

perdidas<sup>14</sup>. Estas obras, dedicadas à convivência de Sócrates com o político ateniense parecem ter tido em comum um aspecto (GIANNANTONI, 2001: 293): querendo defender o mestre da acusação de corrupção que Alcibiades concretizava, os seus discípulos terão coincidido no facto de que a relação entre Sócrates e Alcibiades fora fugaz e que o seu mau carácter se revelara depois de se afastar do convívio do filósofo e, provavelmente até devido a esse afastamento.

O diálogo de Ésquines, que apresentava o próprio Sócrates como narrador, reproduzia uma conversa ocorrida em tempos entre o filósofo e um Alcibiades ainda jovem, aparentemente ingénuo, que apresentava características semelhantes às do Hipócrates de Platão, no *Protágoras*, ou às de outros jovens que encontramos nos *Memoráveis*, Gláucou ou Eutidemo. Sócrates julgava que a sua companhia poderia trazer utilidade ao jovem. Contudo, neste caso, enganara-se, porque o carácter de Alcibiades apresentava já um traço dominante, o da impiedade ou soberba, com que desafia os próprios deuses, e uma sobrançeria que o levava a julgar-se melhor que outros, principalmente (como em Xenofonte, *Mem.* 1.2.39-46) que Péricles, que era seu tutor, mas também que Temístocles.

Também no *Alcibiades I* de (ps.-)Platão, o jovem é descrito pela voz de Sócrates, em termos muito idênticos aos de Ésquines: carácter ambicioso, orgulhoso, desejoso de brilhar. Tal como no diálogo de Ésquines, também aqui Sócrates julga que a sua aproximação ao jovem lhe será positiva, porque a sua vida pública está no início, mas na realidade sua ambição leva-o já a não olhar a meios para atingir os fins.

Essa seria também a sua caracterização no diálogo de Antístenes, para quem Alcibiades detinha coragem, força (ἰσχυρος) e beleza, mas se mostrava um ἀπαίδευτος, por lhe *faltar* uma correcta *educação*, (vide GIANNANTONI, 2001: 306), ou seja, os valores morais transmitidos por Sócrates.

Quanto a Crítias, que nascera por volta do ano de 460, era pois coetâneo de Alcibiades, com que manteria relações de amizade, pese embora as suas diferentes opções políticas. Aparentado com Platão (era primo talvez da mãe do filósofo), Crítias era um aristocrata

---

<sup>14</sup> Embora seja possível reconstituir o conteúdo do de Ésquines (que abordara a figura do político ateniense também no *Axioco*), através dos discursos de Élio Aristides, *Acerca da Retórica e Acerca dos Quatro*.

conservador, o que não o impediu, contudo, de se ver implicado nos mesmos incidentes que Alcibiades: como ele, e pelo mesmo crime de sacrilégio, foi preso em 415 a.C. e exilado pelos democratas, após a queda do governo dos Quatrocentos de 411, no qual, provavelmente também terá estado implicado. Regressou a Atenas em 404 a.C. para encabeçar o governo dos Trinta Tiranos e morreu em combate, durante as lutas que conduziram à sua queda, um ano mais tarde. Homem brilhante, mas cruel e ambicioso, embora não tenha sido um sofista em termos profissionais, partilhava do mesmo ideário. Foi poeta e prosador e conservam-se alguns fragmentos seus de elegias e de uma constituição política ideal, talvez influenciada pelo modelo espartano, do qual era simpatizante (e em que se baseia talvez o seu retrato no *Timeu* de Platão). Pese embora o antagonismo que Xenofonte descreve em *Memoráveis*, outros testemunhos contemporâneos apresentam-no em convivência amigável com Sócrates, como se depreende dos diálogos de Platão, onde o encontramos com frequência em lugar de destaque: desempenha o papel principal no *Timeu* e no *Crítias* (é ele que conta a história da Atlântida), apresenta algum relevo no *Cármides* e intervém, ainda que de modo breve, no *Protágoras* (336d-e)<sup>15</sup>, onde aparece como moderador do diálogo entre Sócrates e o sofista de Abdera.

Para Xenofonte, como já vimos, o seu perfil moral aproximava-se consideravelmente do de Alcibiades, e quando passamos à parte demonstrativa, com os diálogos em que o Autor recorda a convivência com Sócrates, destacam-se particularmente os aspectos negativos do seu carácter: apaixonado de modo inconsequente e vingativo.

É de salientar que o uso que Xenofonte e Platão fazem destas duas personagens é forçosamente diferente. Ambos os escritores os retratam já depois da sua morte, mas Platão retrata-os no tempo em que conviviam ainda com Sócrates (WOODS, 2004: 8) e embora o seu público soubesse (como acontece noutros casos, como o de Ménon no diálogo homónimo) qual fora o percurso dos dois homens, Platão faz por ignorá-lo. Xenofonte, pelo contrário, lembra-os à distância, recordando o seu carácter longe de Sócrates e os malefícios que o seu perfil trouxera à cidade, como contraponto à utilidade do mestre, fim primeiro e único da sua obra.

---

<sup>15</sup> Vide GUTHRIE, 1969: 298-304.

## BIBLIOGRAFIA

J.L. CALVO MARTÍNEZ (2004), «Oratoria y biografía. El retrato de Alcibiades en Lisias e Isócrates», in A. PÉREZ JIMÉNEZ, J. RIBEIRO FERREIRA e M.C. FIALHO (edd.), *O retrato literário e a biografia como estratégia de teorização política*. Coimbra-Málaga, 37-48.

H. ERBSE (1961), «Die Architektonik im Aufbau von Xenophons *Memorabilien*», *Hermes* 89, 257-287.

G. GIANNANTONI (2001), «L'Alcibiade d'Eschine et la littérature socratique sur Alcibiade», in G. ROMEYER-DHERBEY / J.-B. GOURINAT, *Socrate et les Socratiques*. Paris, 289-307 [= «L'Alcibiade di Eschine e la letteratura socratica su Alcibiade», in G. Giannantoni / M. Nancy (éds.), *Lezioni socratiche*, Naples, 1997]

V.J. GRAY (1998), *The framing of Socrates: the literary interpretation of Xenophon's Memorabilia*, Stuttgart.

W.K.C. GUTHRIE (1969), *A History of Greek Philosophy*, III, Cambridge.

J. B. WOODS (2004), *Plato's Villains: The Ethical Implications of Plato's Portrayal of Alcibiades and Critias*. Diss. Duquesne University.